

**Pelotas se diverte: os espaços de sociabilidade na metade do século XIX**

Dalila Müller\*

**Resumo:** Pelotas foi elevada à condição de cidade em 1835, mas, com a Revolução Farroupilha sua população diminuiu, em consequência, vários aspectos da cidade estagnaram-se. Com o declínio da Revolução, a cidade retomou seu desenvolvimento, criando novos locais de convivência social. As sociedades de baile, apresentações no teatro, festas religiosas, atividades recreativas na praça eram formas de sociabilidade que iam ocupando os espaços da cidade. A sociabilidade é vista como um conjunto de formas de conviver com os pares, como um domínio intermediário entre a família e a comunidade cívica obrigatória. A construção desses espaços de lazer indica novas formas de vida e são lugares privilegiados de observação da sociedade. Busca-se mostrar nesta comunicação as primeiras formas de sociabilidade dos pelotenses após a Revolução.

**Palavras-Chave:** Pelotas; Século XIX; Sociabilidade.

**Résumé:** Pelotas fut élevée à la condition de cité en 1835, cependant sa population diminua à cause de la Revolution Farroupilha et par conséquent plusieurs aspects de la ville furent stagnés. Avec le déclin de la Revolution la ville reprit son développement et créa de nouveaux locaux pour que la société puisse convivre. Les sociétés de bal, des spectacles théâtraux, des fêtes religieuses, des activités récréatives dans la place étaient des formes de sociabilité qui occupaient les espaces de la ville. La socialibilité est vue comme un ensemble de formes de convivre avec les pairs, comme un domaine intermédiaire entre la famille et la communauté civique obligatoire. La construction de ces espaces de loisir indique de nouvelles formes de vie et sont des endroits privilégiés d'observation de la société. On cherchera à montrer dans ce travail les premières formes de sociabilité des habitants de Pelotas après la Revolution.

**Mots-clés:** Pelotas; XIXe siècle; sociabilité.

Esta comunicação tem por objetivo mostrar os primeiros espaços de sociabilidade dos pelotenses nas décadas seguintes à Revolução Farroupilha. Vários trabalhos que dizem abordar a sociabilidade não possuem uma definição clara do termo. A sociabilidade foi um dos temas que começou a ser discutido pela História das Mentalidades e, posteriormente, pela Nova História Cultural.

Pode-se dizer que “as sociabilidades” entraram no campo da pesquisa histórica acadêmica com a obra de Maurice Agulhon (1968 e 1977)<sup>1</sup>. Este autor considera que a sociabilidade moderna data do século XIX, sendo um fenômeno político ligado às idéias de civilização e de democracia, que eram próprias ao contexto da época. “Sociabilidade é vida social organizada, e as associações as mais diversas são sua forma privilegiada.” (GOMES, 1993: 3)

\* Mestre em Turismo; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História – UNISINOS; docente do Curso de Turismo da UFPel.

<sup>1</sup> AGULHON, Maurice. *Pénitents et franc-maçons de l'ancienne Provence*. Paris, Seuil, 1968. e AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848. Cahier des Annales*. Paris, Armand Colin, n. 36, 1977.

Simmel (1983) também discute a sociabilidade e a considera como uma forma autônoma ou lúdica de sociação. Os interesses e necessidades específicas fazem com que os homens se unam em diferentes associações, as quais se caracterizariam pelo sentimento de estarem sociados e pela satisfação provocada por isto.

Neste mesmo sentido, Baechler (1995) considera a sociabilidade como a capacidade humana de estabelecer redes, sendo uma das categorias definida pelo autor como:

*agrupamentos formais e organizados, [...] cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar junto. (BAECHLER, 1995: 82)*

As formas de sociabilidade se constituem movidas, principalmente, pelo prazer proporcionado por “estar junto”, “ver e ser visto”, refletindo algumas características da civilização.

Em 1812 Pelotas atingiu a condição de freguesia, chamando-se Freguesia de São Francisco de Paula. A partir de relatos de viajantes que aqui estiveram, pode-se dizer que a freguesia teve um rápido desenvolvimento econômico e urbanístico. O que se deu, basicamente, pela atividade charqueadora.

A mão-de-obra das charqueadas era essencialmente escrava e a safra era curta, de novembro a abril/maio, o que fez com que os charqueadores gozassem de uma ociosidade, fomentando a criação de espaços de sociabilidade.

Porém, Saint-Hilaire (1935) observou, em 1820, que a fortuna dos pelotenses pouco contribuía para o seu conforto, os moradores “[...] nutrem-se mal e não conhecem diversões. Os momentos de lazer são dedicados ao jogo, ou às intriguinhas de aldeia.” (SAINT-HILAIRE, 1935: 88).

Além dos charqueadores, havia em Pelotas muitos europeus que possuíam importantes estabelecimentos. Seidler (1976: 94), em 1827, afirmava que esses europeus “[...] pela influência do seu dinheiro e de sua cultura têm contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável do que nas outras regiões.”

Os charqueadores, juntamente com os europeus residentes na cidade, passaram a cultivar uma incipiente vida social e cultural. Essa elite fez com que Pelotas se destacasse pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava das outras cidades gaúchas do interior; nesta sociedade se valorizavam as qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, como o cavalheirismo, a cultura e o desprendimento do dinheiro. Era uma

sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitisse aos cidadãos usufruírem os entretenimentos e bens culturais disponíveis. (LONER, 1999: 65).

Antes mesmo de ser criada a vila de São Francisco de Paula, em 1832, os moradores da então freguesia já realizavam atividades recreativas. As principais delas estavam ligadas aos “dias de festividade nacional”, como o dia sete de abril e o dois de dezembro, instituídos pelo Imperador em 1831. O jornal *O Noticiador* divulga a correspondência de M.G.V. descrevendo os festejos do primeiro aniversário da abdicação de Dom Pedro I, em sete de abril de 1832.

Para esta comemoração, houve várias atrações, entre elas a apresentação do espetáculo “cavalhadas” na Praça da Regeneração; a apresentação pela Sociedade do Teatro Sete de Abril, do drama *Patriotismo e Gratidão* e do entremez *Irmão Sagaz*; e, um baile, em lugar não especificado. (*O Noticiador*, 04.05.1832: 3) Estas atrações demonstram que vários espaços já eram utilizados para a sociabilidade, como o teatro, a Praça da Regeneração, algum local para bailes, mesmo que improvisado.

Além da Sociedade do Teatro Sete de Abril, estava em funcionamento o teatro Sete de Setembro, fundado em 12 de abril de 1832 e cujas atividades talvez tenham se desenvolvido em sala adaptada. Este teatro deixou de funcionar em 1835 (HESSEL, 1999).

Com a Revolução Farroupilha a maioria da população de Pelotas emigrou para a margem direita do Rio São Gonçalo; destes, muitos foram para Rio Grande e Povo Novo (OSORIO, 1997). Pelotas era um ponto estratégico, devido à proximidade com o porto de Rio Grande, disputada por legalistas e farroupilhas, tendo sido invadida várias vezes. O Teatro Sete de Abril passou de casa de espetáculos para quartel de infantaria. Todos os depoimentos são unânimes em concordar que Pelotas parou durante o decênio da guerra.

Porém, mesmo com a Revolução a população que permaneceu na cidade não deixou de se divertir. Como as charqueadas se localizavam distante da “Igreja Matriz”, aos domingos e dias santos os charqueadores iam participar do “serviço divino” e depois faziam visitas recíprocas, como observado por Dreys (1939). O “serviço divino” era uma atividade socialmente obrigatória em Pelotas no século XIX.

Dreys (1939) descreve uma “carreira” na planície entre a cidade de Pelotas e o rio de São Gonçalo, “um dos divertimentos que mais prezam os habitantes do Rio Grande [...] vimos infinita gente, muita alegria, montões de ouro e prata e nenhuma desordem;” (DREYS, 1839: 155)

Pode-se dizer que os espaços de sociabilidade eram restritos na primeira metade do século XIX, mas que não deixaram de existir nem mesmo durante a Revolução. Após

1943, Pelotas começa a buscar a valorização dos espaços públicos e criar novos espaços de sociabilidade, como as sociedades de baile, as apresentações das companhias equestres e circenses.

A sociedade pelotense, representada pelos jornais, reivindicava novos divertimentos: “[...] Pelotas está, há muito, inteiramente baldo de divertimentos.” (O Brado do Sul, 08.12.1859: 1). O aumento da população e sua diversificação social gerou um público novo a quem não satisfazia mais, em sua ânsia por divertimentos, os espaços de sociabilidade oferecidos.

A cidade começou a valorizar os espaços urbanos, revitalizando-se através das reformas urbanas. Na década de 1840 as ruas começaram a ser iluminadas com lampiões a azeite. Em 1845 iniciou-se a preocupação com a conservação e a limpeza das ruas.

Essas reformas buscavam mudar a feição da cidade, dando a ela um caráter civilizado e pronto para receber as pessoas nos seus novos locais públicos da cidade. Tal ordenação dos espaços públicos passa pela definição do que são e para quem são destinados, como:

*Órgãos essenciais à vida urbana são a rua, a praça, o templo, o mercado, o foro, o circo o theatron (literalmente, “o lugar em que se olha ... e se é olhado”), isto é, a cidade são os canais que levam o homem à presença dos outros homens, e os recintos para todas as formas de convivências que aplacam a angústia de ser só, a estreiteza de ser particular e curam a sensação da insuficiência da casa, do círculo doméstico e dão a oportunidade a que cada homem faça de sua vida uma tangente de outras vidas. (OMEGNA, 1971: 80)*

A cultura pública é uma linguagem que facilita a comunicação entre estranhos e, esta cultura pública “tem como cenário preferencial a cidade moderna que deverá estar de acordo com padrões estabelecidos para salubridade, urbanismo, arquitetura, moda, comportamento.” (CONSTANTINO, 1994: 67)

Segundo Magalhães (1993: 70) durante os anos de 1851 e 1860 “[...] que Pelotas vai dar o salto capaz de situá-la entre as cidades pequenas mais prósperas do Brasil.” Neste período Pelotas recuperou sua economia e delineou sua configuração urbana:

*[...] o ano de 1860 como ponto de partida para análise de um período em que Pelotas, de uma forma inédita e que jamais se repetiria, alcançou o patamar maior na história de seu progresso econômico-urbano e também sócio-cultural. [...] na década de 1850 as manifestações desse progresso já se anunciavam. [...]. (MAGALHÃES, 1993: 82)*

Nesse período a cidade é cosmopolita, resultado de intenso intercâmbio cultural proporcionado pela atuação de europeus que em Pelotas se fixaram. Os espaços de sociabilidade são vistos como espaços de representação social e eram as principais “vitrines”

da opulência vivida pela elite pelotense do período. Pode-se considerar que, à medida que a cidade se desenvolvia econômica, social e culturalmente, desenvolveram-se novas formas de sociabilidade, as quais possibilitavam o intercâmbio entre estranhos.

O Teatro Sete de Abril recomeça seu funcionamento já na década de 1840; suas atividades são intensificadas, com apresentações artísticas de várias companhias e com maior frequência de espetáculos. Os espetáculos eram realizados por companhias locais e por artistas vindos de fora, como companhias italianas, espanholas, francesas, entre outras.

*FUNCION LIRICO-DRAMATICA [...] à los distinguidos artistas italianos los Sres. Giovanni Thiolier, Paolo Sentati, y à la senorita Nina Thiolier Barbieri, y les felicitamos sinceramente por la general aprobacion que obtuviéron del publico Pelotense, el domingo 4 del corriente en el teatro de esta ciudad. [...] (O Rio-Grandense, 15.06.1848: 4)*

*[...] A TORRE DE NESTLE. Desnecessario é tecer elogios a este drama, de Alexandre Dumas, tantas vezes representado no Rio de Janeiro, e nos theatros da Europa, e sempre recebido com os maiores applausos.[...] (O Rio-Grandense, 15.07.1848: 4).*

Além de peças teatrais o teatro era espaço para outras apresentações, como as companhias de ginástica e para realização de bailes carnavalescos. Os bailes de carnaval começam a ser introduzidos na sociedade pelotense na década de 1850. Os bailes de máscaras realizados na cidade tinham uma forte ligação com as formas de carnaval da Europa, demonstrando o estado de “civilização” dos pelotenses.

*Theatro. Domingo 4 de julho A companhia gymnastica franceza tem a honra de participar ao respeitavel publico d'esta cidade que dará no dia acima mencionado um variado espectaculo de muitos exercicios ainda aqui não vistos, [...] (O Pelotense, 30.06.1852: 2)*

*THEATRO Sete de Abril. Sabbado 5, Domingo 6, e terça feira 8 de fevereiro de 1853. João Thomaz Sirolo, querendo offerecer ao publico d'esta cidade, um divertimento condigno, dispoz das noites de 5, 6, e 8 do corrente, para os bailes do carnaval. O teatro achar-se-há disposto para esse fim com um magnifico tablado, e coreto de musica, [...] No salão é só permittido dansar às pessoas que vierem mascaradas. O segredo da mascara é inviolável. Os mascarados guardarão todo o decoro e decência para com as famílias, e todos mais em geral. [...] O baile principiará as 9 horas, e finalizará as 3 da manhan. [...] (O Pelotense, 01.02. 1853: 3)*

Na década de 1840 a cidade possuía uma companhia dramática, a Sociedade Particular Philodramática, que fazia representações no teatro, demonstrando a importância dada às atividades culturais na cidade.

Começam também a chegar na cidade os circos e as companhias equestres, possibilitando novos divertimentos à população.

Os bailes eram um dos momentos de sociabilidade dos pelotenses, os quais aconteciam pelas mais diversas razões. Mesmo antes de formadas as três primeiras sociedades

de baile, eles já eram realizados em outros locais. Os bailes eram utilizados como uma forma de homenagear visitantes ilustres, como observa-se nos anúncios:

*Baile A guarda nacional da cidade de Pelotas tem preparado um baile para obsequiar a chegada do Exm. presidente da província. [...] (Diário de R.G., 28.03.1851: 3).*

*O Sr. marechal commandante das armas chegou à Pelotas segunda feira à noite. A briosa officialidade do 5º. Batalhão de caçadores tenciona obsequiar a S. Ex. com um baile sumptuoso. (Diário de R.G., 8.05.1851: 3)*

As três primeiras sociedades de baile eram a Sociedade Recreação Pelotense, a Sociedade Harmonia Pelotense e a Sociedade Distracção e Beneficência. Observa-se que as sociedades tinham como principal objetivo o divertimento, como mostra os estatutos da Sociedade Recreação Pelotense: “[...] seu único fim, é promover o honesto divertimento, que offerecem as reuniões para bailes, e jogos lícitos.” (O Pelotense, 26.04.1852: 1).

Além dos bailes para homenagear algum visitante, cada sociedade realizava uma “partida” por mês. Os bailes estavam restritos para os sócios e para seus convidados; cada sócio poderia “recomendar” um solteiro ou uma família.

As festas cívicas ou religiosas foram outras atividades que se mantiveram e se intensificaram nas décadas estudadas. As festividades cívicas se restringiam aos dias sete de abril e dois de dezembro. Essas festividades incluíam o “Te-Deum” seguido de atividades de regozijo na praça e nas ruas da cidade.

*O DIA DOUS DE DEZEMBRO EM PELOTAS. Foi solemnisado este dia com todo o enthusiasmos e pompa possível, [...]ás 10 horas, a câmara reunida e acompanhada por grande numero de cidadãos e autoridades civis, dirigiu-se à igreja Matriz a assistir ao Te-Deum Laudamus, [...] ao concluir o Te-Deum, com os costumados festejos de fogos do ar, o presidente da câmara, [...] deu os respectivos vivas a S. M. o Imperador e sua Augusta Família, e dirigindo-se a Praça da Regeneração [...] (Diário de R.G., 7.12.1850: 3)*

As festividades religiosas estavam relacionadas à Festa do Divino Espírito Santo, à Festa de Final de Ano, às festas do padroeiro da cidade – São Francisco; às festas de *Corpus Christi*, entre outras. Essas festas tinham como programação as cerimônias realizadas na Igreja Matriz e procissões pelas ruas da cidade.

*Antehontem teve lugar a festa do padroeiro, São Francisco. Foi uma festa brilhante, diremos mesmo sumptuosa, como se devia esperar do seu juiz, o Sr. Tenente coronel Annibal. [...] A tarde teve lugar a procissão na qual figuraram diferentes andores, e um crescido numero de anjinhos. [...] Magníficos trens se apresentaram n'esse dia, [...]. (O Pelotense, 20 de abril de 1852: 1)*

Estas festividades eram momentos propícios para encontros, para conversas, ou seja, eram espaços de sociabilidade. Araújo (1993) destaca que as famílias atribuíam a estas festividades religiosas um caráter profano, o que servia como uma ruptura do vida cotidiana; eram uma possibilidade de convívio social, onde o religioso servia de motivo para a expansão da alegria comum das festas.

Além desses espaços, a população reivindicava a melhoria dos espaços abertos, como a praça e as ruas, importantes para seu convívio social. A praça e as ruas da cidade eram espaços públicos pouco convidativos para a população; a praça não passava de um descampado em péssimas condições, da mesma forma que as ruas. Pode-se observar nos jornais as reivindicações para tornar esses locais espaços de convivência social:

*Praça Pedro II – [...] seria de alta conveniência publica começar desde já a trabalhar de alguma forma no sentido de melhorar o deplorável estado da praça Pedro II, que, a falar com toda franqueza, é realmente incompatível com os créditos e adiantamentos desta cidade. [...] (Correio Mercantil, 12.10.1875: 01)*

*Nesta quadra de calores esta falta de cuidado na fiscalização das ruas, pode trazer graves conseqüências. O sol que lhe bate a pino rescalda-o, fermenta-o, infestando o ar de miasmas, e tornando, além disso, o aspecto das ruas asqueroso e repugnante. (Correio Mercantil, 28.01.1875: 01)*

No século XIX os espaços abertos, como a praça, se convertem em cenário para os desfiles elegantes ao ar livre especialmente durante o verão.

A medida que a cidade de Pelotas se modernizava, seus moradores foram ampliando e criando novos espaços de sociabilidade, condizentes com sua situação financeira. Esses espaços eram locais de “ver e ser visto”, de exibir pompas, de demonstrar a opulência da sociedade pelotense.

### Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A vocação do prazer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BAECHLER, Jean. *Grupos e Sociabilidade*. In: BOUDON, Raymond (Org.). **Tratado de Sociologia**. (Tradução de Teresa Curvelo). Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 65-106
- CONSTANTINO, Núncia Santoro. *A Conquista do tempo noturno: Porto Alegre “moderna”*. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XX, nº 2, 1994. p. 65-84
- DREYS, Nicolau. **Notícia Descritiva da Província de Rio Grande de São Pedro do Sul**. Rio de Janeiro: J. Villeneuve & Comp., 1839.
- GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio ... os intelectuais cariocas e o modernismo*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. V.6, n.11, 1993. p. 62-77.
- HESSEL, Lothar. **Teatro no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.
- LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. Volume 1. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EDUFPEl: Co-edição Livraria Mundial, 1993.
- OMEGNA, Nelson. **A Cidade Colonial**. 2.ed. Brasília: EBRESA, 1971.
- OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas**. 3.ed. Pelotas: Armazém Literário, 1997. Vol. 1.

- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)**. (Tradução de Leonam de Azeredo Pena). Rio de Janeiro: Ariel, 1935.
- SEIDLER, Carl. **Dez Anos de Brasil**. (Tradução de Bertoldo Klinger) 3.ed. São Paulo: Livraria Martins, 1976.
- SIMMEL, Georg. *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou forma*. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Georg Simmel**. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34). p. 165-81.